

## CHINA: UMA NOVA DINÂMICA GLOBAL<sup>1</sup>

Antonia Saiane Murieta Pua<sup>2</sup>  
Joelso Alcântara Felipe Araújo<sup>3</sup>  
Seima Nogueira Sampaio<sup>4</sup>

### Resumo

O presente trabalho vem mostrar como a China, considerada um país em estado emergente, se desenvolve e se desencadeia numa economia internacional nessa nova dinâmica global. Nesse sentido, demonstrar também como a globalização modificou o território chinês fragmentando os seus aspectos econômicos, sociais, culturais e espaciais. Nesse contexto, a China nos faz compreender como as particularidades regionais e sua inserção na dinâmica de desenvolvimento em escala global atinge toda uma estrutura econômica no sistema-mundo.

**Palavras-chave:** China. Globalização. Dinâmica econômica.

### Introdução

O presente trabalho tem como objetivo abordar as principais características que lançam a ascensão da China na economia mundial, analisando as mudanças socioespaciais contemporâneas na inserção da Ásia na dinâmica de desenvolvimento desigual em escala global.

O texto divide-se em quatro momentos. Inicialmente abordaremos o contexto histórico do país, tratando-se de um povo tradicionalmente cultural, a civilização chinesa originou-se no vale do rio Huang He ou rio Amarelo, segundo rio mais extenso do país.

A China é uma das mais antigas civilizações do mundo, localiza-se a leste da Ásia e possui uma extensão territorial de aproximadamente 9.536.499 km<sup>2</sup>. Seus principais recursos naturais são o carvão, minério de ferro, petróleo, gás natural, estanho, mercúrio, manganês e tungstênio.

O país vem de uma de transição entre dinastias, impérios até os dias de hoje, sua herança política consiste em bases de regimes autoritários centralizadores. O confucionismo, taoísmo e o budismo são religiões mais praticadas na China, a maioria dos chineses são ateus, e os que se consideram ateus, acabam seguindo tais preceitos, já que os mesmos possuem

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na disciplina de Regionalização do Espaço Mundial, ministrada pelo Prof. Dr. José Alves.

<sup>2</sup> Discente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Acre, núcleo Sena Madureira. E-mail: saianemurieta@gmail.com

<sup>3</sup> Discente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Acre, núcleo Sena Madureira. E-mail: joel16araujo@gmail.com

<sup>4</sup> Discente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Acre, núcleo Sena Madureira. E-mail: seimanogueira100@gmail.com

características que visam enfatizar a responsabilidade pelo bem comum, renúncia ao individualismo, a obediência e o respeito aos mais velhos, ideias de equilíbrio e ordem com a natureza, busca pela pureza espiritual extremo, e é nesse sentido que as bases políticas se fundamentam.

Os próximos tópicos estão relacionados em como a China se inseriu na economia e geopolítica no mundo contemporâneo, desenvolvimento e consequência do seu avanço, desencadeando suas relações de interesse em vários grupos econômicos, dentre os grupos principais os BRICS. Após a Guerra Fria (1947-1991) ocorreram significativas mudanças na economia internacional, a Ásia estava no auge de seu desenvolvimento econômico, inicialmente com o Japão e, em seguida, com a China. Chegando aos anos 2000 houve o *boom* na econômica asiática, por muitos autores denominado o *milagre asiático*, onde suas relações comerciais expandiram além do âmbito nacional, como também internacional, houve um significativo aumento nas exportações, alterando toda a estrutura da divisão internacional do trabalho.

Por último abordaremos sobre como o avanço econômico da China desencadeou vários problemas socioeconômicos no país, como a concentração populacional na faixa litorânea e o aumento da pobreza, resultando na mão de obra barata no mercado chinês e alteração do espaço natural.

### **1. Contexto histórico: China e suas fragmentações internas**

Historicamente, a China foi marcada por várias e recorrentes convulsões de ordem políticas, e sempre refletindo no seu social e econômico. Todos os atos de manifestações chinesas modificaram de certa forma as bases internas da China, como assegura Lyrio (2010):

Qualquer cronologia que se faça da China contemporânea entre a Rebelião do Lótus Branco, em 1796, e o fim da Revolução Cultural, em 1976, será uma coleção de fraturas civis e externas, e é difícil imaginar outro país que tenha sofrido tamanho terremoto de oscilações e transformações políticas num intervalo tão curto de tempo. (LYRIO, 2010 p. 79).

De bases fortemente culturais, a China impulsiona seus alicerces políticos na lógica do confucionismo e taoísmo. Com isso, o país possui longas dinastias, favorecendo um poder único e central, no entanto vivia uma constante instabilidade política e fragmentação de territórios pelas guerras civis. De certa forma, a China viveu subjugada a potências mundiais durante o século XIX, com governos autoritários abriu espaços para diversas contestações políticas, surgindo então o Partido Comunista da China ou PCC. O Partido Comunista entra

no cenário como defensor dos pobres excluídos, o principal líder era o Mao Tsé-Tung, que liderou o país com ideologias socialistas de forma disciplinar, obtendo o controle do espaço e tempo da sociedade chinesa. A partir daí formam-se as primeiras comunas populares rurais. Embasado de teorias marxistas e leninistas já reformuladas e utilizando doutrinas do confucionismo e do taoísmo ganha grande apoio popular. Nesse contexto, a China passaria por novas transformações e de certa forma uma estabilidade político-econômica, como afirma Lyrio (2010):

O alcance das mudanças propostas e a natureza da liderança do Partido, particularmente de Mao Tsé-Tung, gerariam novas divisões internas e impediriam a sedimentação de uma ordem política previsível e estável. Ao pragmatismo dos sete ou oito primeiros anos logo após a tomada do poder, em 1949, de que foram exemplos o controle da inflação e a bem sucedida reforma agrária, seguiram-se duas décadas de grandes saltos, grandes campanhas e grandes atos, numa mobilização permanente que, na prática, reproduzia o estado de excepcionalidade do período anterior de libertação nacional e revolução. (LYRIO, 2010, p.85)

Após um breve período de estabilidade política nos anos de 1959 a 1961, a China sofreu uma nova crise, especialmente pela ruptura com a sua principal aliada, a Rússia, até então URSS. Neste período, o país enfrenta diversos problemas, desde o respaldo militar e tecnológico, pois a China de certa forma era dependente da Rússia quando o assunto era tecnologia, até o social, como a fome, em consequência de tais crises as comunas rurais começam a se fragmentar.

Com a morte de Mao Tsé-Tung, em 1976, consolida-se o fim da era maoísta e inicia-se o governo de Deng Xiaoping, onde o mesmo transforma a China em um país mais pragmático, aberto para as novas políticas econômicas.

Com um governo mais voltado para a modernização, Deng acreditava que a China necessitava de uma reforma econômica, principalmente no que tangia a abertura ao mercado exterior, pois o país possuía a “necessidade de incorporação de tecnologias e capitais”, segundo Lyrio (2010, p.88). Deng passou a chamar esse novo modelo de governo na China de socialismo com características chinesas. Nesse novo sistema de governo foram introduzidas significativas mudanças, tanto dentro do país como dentro do Partido Comunista da China – PCC, de certo modo Deng Xiaoping inseriu toda uma lógica capitalista dentro de um governo dito socialista.

## 2. Inserção da China na economia e na geopolítica global

O mundo vive em constantes transformações, principalmente no que tange as relações políticas e econômicas. O atual status do mundo seria a vivência de uma nova (*des*)ordem mundial, herança de uma economia mercantilista e de uma constante troca de benefícios em prol da acumulação de capital. Tal ordem mundial tem suas bases fundamentadas entre as diferentes formas de interação entre os Estados e as forças sociais.

A partir da década de 1990, o EUA obteve um pequeno declínio econômico, abrindo de certa forma portas para outros mercados, nesse sentido, intensificou a relação de interdependência entre diversos mercados financeiros, nesta fase destaca-se o Leste Asiático.

Neste contexto, a economia da China encontra-se em crescimento constante ultrapassando o Japão, como segunda economia do mundo, e com grande potencial de ultrapassar os Estados Unidos nos próximos anos, já que sua produção industrial é superior. Pode-se notar o crescimento chinês, a partir da evolução do seu PIB em escala global (tabela 1).

**Tabela 1-** Contribuição ao crescimento do PIB global em dólar corrente-regiões e China

Contribuição ao crescimento do PIB global em dólar corrente – regiões e China (Em %)						
Região/país	1981-1990	1991-2000	2001-2010	2008	2009	2010 <sup>1</sup>
Países desenvolvidos	82,8	80,3	52,0	41,0	-69,0	31,9
Países em desenvolvimento	17,2	19,7	48,0	59,0	-31,0	68,1
Ásia	4,0	12,1	22,8	24,7	13,2	30,6
China	1,6	8,1	15,2	18,4	13,9	18,5

Fonte: FMI (2010) *apud* Acioly *et al* (2011). Nota: <sup>1</sup> Estimativa

Existem vários elementos para esclarecer o avanço do comércio chinês, como as estratégias de políticas cambiais objetivando a desvalorização do dólar, sistema trabalhista no país, em outras palavras seria os salários baixos e uma alta produtividade, além da sua inserção na OMC – Organização Mundial do Comércio em 2001. É interessante destacar que o governo chinês possui políticas de interesse nacional e não de interesses do capital ocidental, a China garante a concorrência entre o capital nacional e estrangeiro, sem gerar competições entre os trabalhadores por salários.

Após períodos de instabilidade dos EUA, inicialmente em 1970, relativo ao petróleo, o país entra em sucessivas variações econômicas. Em 2001, o país entra em crise novamente, agora no setor imobiliário, os juros sofreram variações, e quando este entra em queda, o

capital estrangeiro entra em cena, entre os credores boa parte são da Ásia Oriental, dentro deles a China. Como o mercado chinês possui amplas alternativas para a exportação, de certa forma a China se torna independente dos EUA. Com o capital estrangeiro fluindo na hegemonia americana, a China se tornou umas das grandes proprietárias na compra de títulos do tesouro norte-americano. É válido destacar que as medidas adotadas pelo governo chinês, como uma política de controle de capital e o regime cambial fixo, não passa de estratégias traçadas para a China se manter firme nas disputas comerciais com os Estados Unidos.

Dentro dessa nova ordem mundial, a China está inserida dentro do grupo de países emergentes, ou simplesmente os BRICS (sigla usada para se referir ao Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que se caracterizam pelo seu potencial econômico.

A crise de 2007 enfrentada pelos EUA criou, por um momento, a sensação de impulso e aceleração econômica desses países emergentes, que almejavam por maior articulação dentro dos fóruns internacionais (nesse caso o G20).

### **3. China atual e suas relações de interesses**

A ascensão da China no decorrer de sua história foi moldada de pensamentos de auto-suficiência, regida por governos de características nacionalistas ignorando sempre o que vem de fora, vivendo numa espécie de isolamento chinês entre suas economias. No entanto, nesses últimos 30 anos, a China vem ganhando grande destaque e transformou-se na segunda potência econômica mundial. Trazendo significativas mudanças no cenário internacional, principalmente entre os países desenvolvidos e os que estão em desenvolvimento (países emergentes). Para manter uma estabilidade econômica, política e comercial, a China precisa possuir boas relações para além de suas fronteiras, expandindo suas relações comerciais entre diversos países e grupos econômicos. Além dos estreitos laços comerciais entre países desenvolvidos da Europa, Ásia e, sobretudo os Estados Unidos, que contribuíram gradativamente para seu avanço tecnológico, o país mantém forte aliança entre os países que compõem os BRICS.

Com o avanço crescente da China, o país necessita cada vez mais de alimentos, petróleo, alguns minerais, ou seja, necessita cada vez mais de recursos naturais, pois a quantidade que o país dispõe não supri a demanda que a China precisa, seja ela industrial ou necessidade humana. Nesse sentido, a China utiliza-se cada vez mais do IDE (Investimento Direto Estrangeiro) em países periféricos com finalidades de garantir acesso aos recursos naturais, energia e alimento, em troca, a mesma dispõe de uma alta produção manufatureira,

tecnológica e uma intensa mão de obra barata, o que gera atrativos para investimentos externos no país.

A relação China e Rússia sempre foi pautada por várias contradições, inicialmente por questões ideológicas, seguidas de concorrências comerciais. Mas, atualmente, são entrelaçados por acordos e por convicções ideológicas que tentam buscar uma hegemonia econômica sem depender exclusivamente do poder norte americano. Ambas baseiam-se na troca de subsídios e acordos bilaterais, garantindo maior infraestrutura na área industrial, tecnológica e segurança. A aliança de ambas é pura conveniência como afirma Gao *apud* Liy (2014), “são duas linhas paralelas, que se apoiam mutuamente, mas têm seus próprios interesses”.

Atualmente, a Rússia mantém estreitas relações com potências econômicas do ocidente, em contrapartida, a China necessita cada vez mais por fontes energéticas e isso a Rússia dispõe, ou seja, uma constante troca de benefícios.

A China mantém relações com a África desde os anos de 1950 através do apoio a movimentos independentistas e mais tarde com a construção de estradas, caminho-de-ferro e oleodutos. Além disso, um grande contingente populacional chinês trabalha na África nas áreas de construção e nas minas. Os chineses importam crude, minerais, metais, plásticos e borrachas do continente africano, e financia vários projetos de infraestrutura como construção de hospitais e escolas e também na reconstrução de linhas de trem na Angola usadas para escoar o cobre da Zâmbia.

A China vê na África não somente uma fonte vasta de recursos naturais, mas também uma futura potência econômica que se desenvolverá em longo prazo. Na tentativa de igualar aos Estados Unidos, a China necessitou por mais demandas de fontes de energias, no caso o petróleo, onde a maior parte de seus investimentos é para as indústrias de extração desse combustível fóssil.

Sendo um dos países mais populosos do mundo, a Índia assim como a China mantém um crescimento constante no mercado internacional, principalmente no quesito exportação. Anteriormente, a relação de ambas caracterizava por períodos de conflitos e paz por questões fronteiriças e territoriais, atualmente unidas pelas políticas econômicas, dentre elas as baixas tarifas de importação, aliança militar-nuclear. De início, a Índia possui uma política econômica mais protecionista valorizando a produção local.

Segundo Pinto (2007, p. 98), a produção industrial da Índia era muito variada, no entanto, limitada burocraticamente com relação às instalações de empresas estrangeiras, e

assim como a China a Índia se viu obrigada a se abrir para o mercado externo. Atualmente, a Índia tem sua economia voltada para a exportação de produtos industrializados, bens e serviços (destacando os serviços de tecnologia de informação).

De modo geral, a ampliação das relações econômicas entre China e Índia se deu por dois fatores, segundo Pautasso (2011, p. 178), primeiro pelo avanço comercial da China no sul asiático, pois esta “tem ocupado espaços econômicos” na região gerando concorrência para com a Índia. O segundo fator conforme elencado por Leão (2011) *apud* Pautasso (2011, p. 178) seria a escassez de recursos naturais na China, com isso, o país cresce cada vez mais e a demanda por infraestrutura urbana também aumenta exigindo cada vez mais a importação de *commodities*, nisso a Índia ingressou no mercado chinês, comercializando tanto na área mineral, quanto nos serviços de informação.

A relação comercial entre China e Brasil tem um crescimento constante, principalmente após o ano 2000, tal relação é constituída de pontos positivos e de cautela por parte do Brasil. O IDE chinês sobre o Brasil sem dúvidas resultou num crescimento na economia brasileira, principalmente no que tange a exportação de *commodities* primárias. Por outro lado, a grande produção de manufaturados da China aumenta a concorrência entre a produção local. O Brasil importa grande parte dos produtos manufaturados da China, principalmente o caráter tecnológico e em troca exportam *commodities* da produção agrícola. Haesbaert (2013) nos mostra qual a visão do Brasil referente à China quanto potência:

Um bom exemplo disso é seu principal parceiro comercial latino-americano, o Brasil, que viu a China transforma-se no primeiro país do mundo para suas exportações, e superou Rússia e Índia, vizinhas da China, em 2010, ao tornar-se seu nono parceiro comercial, especialmente em função do peso crescente das importações. A própria composição dessa relação evidencia bem essa mudança da China na divisão internacional do trabalho: o Brasil importa basicamente produtos manufaturados, em que se incluem artigos como telefones celulares e telas de LCD, e exporta, sobre tudo, *commodities* como ferro e soja. (HAESBAERT, 2013, p.114).

Os maiores investimentos diretos da China no Brasil estão empregados nas áreas petrolíferas e siderúrgicas. Segunda Acioly *et al* (2011, p. 333) entre os anos de 2009 e 2010, as empresas chinesas no Brasil cresceram tanto em termos de operação quanto em valores, tais aquisições são dos setores de petróleo, pré-sal, financeiro, mineração, energia elétrica. Conforme tabela abaixo:

**Tabela 2-** Aquisições chinesas de empresas que operam no Brasil \_ 2009-2010

**Aquisições chinesas de empresas que operam no Brasil – 2009-2010**

Data de anúncio	Empresa-alvo	Setor	Nome do comprador	Nome do vendedor	Status da negociação	Valor anunciado (US\$ bilhões)
19/05/2009	MMX Mineração e Metálicos S/A	Siderurgia	Wuhuan Iron and Steel		Completo	0,400
2009	Número de negociações		1	<b>Valor total (US\$ bilhões)</b>		<b>0,400</b>
14/10/2010	Repsol YPF Brasil	Petróleo	China Petroleum & Chemical Corp	Repsol YPF SA	Completo	7,100
21/05/2010	Peregrino field	Petróleo	Sinochem Group	Statoil ASA	Pendente	3,070
06/12/2010	Banco BTG Pactual S/A	Setor financeiro	Consórcio internacional formado pelos Fundos Soberanos da China (CIC), de Cingapura (GIC) e de Abu Dhabi (ADIC)	BTG Investments LP	Completo	1,800
16/05/2010	Multiple Targets	Energia elétrica	China State Grid Corp	Multiple sellers	Completo	1,721
25/03/2010	Itaminas Iron Ore Mine	Mineração	East China Mineral Exploration & Development Bureau		Pendente	1,220
2010	Número de negociações		5	<b>Valor total (US\$ bilhões)</b>		<b>14,911</b>

Fonte: Bloomberg *apud* Acioly *et al* (2011)

Além dos dados acima mencionado, a China vem avançando muito no setor de agronegócios, na compra de propriedades rurais voltadas para agricultura, obrigando o governo federal a tomar medidas a fim de regular e controlar a quantidade de território nacional por pessoas jurídicas brasileiras ou sob o controle dos estrangeiros (ACIOLY *et al*, 2011, p. 335).

Essa dinâmica comercial entre Brasil e China é constituída de algumas controvérsias e precauções. Tal aliança faz com que a maior parte das exportações brasileiras destina-se à China, resultando num saldo positivo para a economia brasileira, em contrapartida a presença de empresas chinesas são maiores no Brasil e os investimentos diretos da China não passam de estratégias para manter o acesso aos recursos naturais e, se possível, influenciar nos preços destes, por outro lado a presença de empresas brasileiras na China não possui números significantes.

Além do Brasil, outros países da América latina também mantêm forte relação comercial e política com a China. O que é interessante destacar é que os países latino-americanos apesar de compor essa mesma teia comercial a demanda de exportação é muito desigual e muitos deles ainda não conseguem almejar o crescimento econômico que essa dinâmica econômica possui. No entanto, os países latino-americanos se tornam atraentes para a China não só pela disposição do acesso a recursos naturais, mas também como a busca por aliados em organismos internacionais relacionados ao comércio, já que boa parte dos vários blocos econômicos da América Latina ainda mantêm forte laço com os Estados Unidos, principal concorrente da China nessa corrida de ascensão econômica.

#### 4. Problemas socioeconômicos da China

A abertura comercial da China não garantiu o controle das disparidades existentes no país. A China possui índice de Gini similares a países da América Latina, sendo um dos países com maior índice de desigualdade na Ásia. Tais problemas tem como resultado devido à má distribuição da população e da economia.

A faixa litorânea é onde se concentram a maior parte da população, e onde há as melhores condições naturais de se viver e de produção econômica, já que na região costeira é bem conhecida por possuir terras férteis, pois como sabemos a China tem uma forte produção agrícola. Ao levar em consideração as condições naturais, outra parte do país é de clima inóspito como, por exemplo, o planalto de Tibet. Nesse sentido, é mais difícil a concentração humana nessas regiões e em compensação as outras centraliza o maior número de pessoas. Como afirma Haesbaert (2013):

O imenso oeste chinês, seja planalto tibetano, sejam os desertos de Gobi e Taklamakan, acaba por se transformar numa espécie de “área-reserva” cujo peso estratégico e simbólico (na construção da “grande nação” chinesa) é maior do que seu valor econômico efetivo. Em um vivo contraste com essas áreas quase desabitadas, o “outro lado”, onde se concentram mais de 90% da população, exhibe uma miríade de problemas socioambientais. (HAESBAERT, 2013, p. 129)

Com maior contingente populacional e indústrias altamente poluentes o dano com certeza é alto, tanto ao social quanto ao ambiental. A rápida inserção da China na economia global trouxe consigo uma corrida industrial dentro do país, quanto mais produzisse maior seria o deslanche econômico do país, no entanto boa parte dos recursos hídricos e ambientais no geral já estaria comprometida.

Nessa perspectiva, as principais regiões produtoras e industrializadas localizadas nas faixas litorâneas, recebem maior investimento nesses lugares, maior parte provém de países asiáticos como Hong Kong, Singapura e Taiwan. Tais investimentos não se configuram numa distribuição igualitária, pois a parte majoritária dos recursos recebidos permanece em zonas onde as grandes indústrias se concentram, enquanto que as regiões pobres, principalmente nas áreas rurais quase não recebem investimento. Neste contexto, essas áreas de maior desenvolvimento e concentração populacional acabam dando abertura a outro problema, neste caso as migrações, os trabalhos forçados e a mão de obra barata. Esses casos acontecem principalmente com os atrativos das ZEEs (Zonas Econômicas Especiais), introduzidas como estratégias comerciais por Deng Xiaoping. As ZEEs foram formadas para aumentar significativamente o contingente de exportação, nisso a divisão internacional do trabalho

ganha seus moldes. Nessas ZEE, os trabalhadores não possuem nenhuma garantia trabalhista, pois as lógicas implantadas nessas zonas ganham modelos externos, ou seja, seguindo a risca as lógicas de mercado.

Com a abertura do mercado chinês para a economia global, a relação trabalhista deixou de ser comandada pelo Estado e passou a ser responsabilidade do setor privado, o que resultou num maior afrouxamento na legislação trabalhista. Apesar de o país contar com A Lei do Trabalho promulgada em 1994, criada com finalidade de conter a insatisfação social, a relação trabalhista da China é delicada persistindo até os dias atuais o trabalho escravo:

Apesar da aprovação da lei, a situação do trabalho escravo também persistiu. Em maio de 2009, outra reportagem televisiva trouxe a público o fato de 32 deficientes mentais trabalharem em uma olaria em Anhui. Eles eram forçados a trabalhar 15 ou 16 horas por dia sob os chicotes e acotes dos donos. Exceto três refeições simples por dia, eles não tinham nenhuma liberdade pessoal ou pagamento. Em Hubei, outros deficientes mentais também estavam sendo obrigados a trabalhar em olarias por apenas 208 *yuan* ao ano. [...] Nos primeiros seis meses de 2010, dez trabalhadores migrantes da gigante de eletrônicos Foxconn suicidaram-se, pulando do teto de seus dormitórios em Shenzhen. As mortes foram associadas às más condições de trabalho e quantidades altas de horas extras. (MACIEL; MOURA, 2014, p.158)

Nos últimos anos, a inquietação popular vem sendo maior e um dos fatores principais é o avanço tecnológico por meio de redes sociais, apesar de ainda o governo chinês ser uma barreira perante aos movimentos trabalhistas. Tais movimentos em sua grande maioria resultam em greves, principalmente por trabalhadores de empresas privadas. Segundo Maciel e Moura (2014, p. 161) as greves tem aumentado significativamente desde 1994 (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Quantidade de greves entre 1994 a 2010



Fonte: China LabourBulletin (2012) Adaptado por Maciel e Moura (2014)

É nesses moldes de sistema trabalhista que o modelo econômico da China vai sendo construído. Suas bases ideológicas aos poucos vão sendo deixadas de lado em prol do

desenvolvimento econômico. Atualmente, a China dispõe de uma legislação trabalhista, no entanto necessita ser aplicada, só assim a China conseguirá sua ascensão econômica sem sufocar seu próprio povo.

### Considerações Finais

Portanto, concluímos que a China vem se tornando uma grande potência nessa atual (*des*)ordem mundial, onde várias potências econômicas fragmentaram, mas não deixaram suas relações comerciais de lado. Nesse emaranhado de relações internacionais, a China obteve seus destaques pós Guerra Fria. Com o seu afastamento da Rússia, o país teve que se reinventar em seu quadro político e econômico, a China viu a necessidade de reformular suas políticas econômicas, principalmente rever suas parcerias no exterior (referente às exportações).

Após a abertura da China no exterior, seu deslanche econômico foi grande, mas seus problemas socioeconômicos também ganharam proporção, a pobreza ganhou seus moldes, assim como a degradação ambiental.

Recebendo muitos investimentos provenientes da Ásia, seu potencial industrial e tecnológico triplicou tornando-se referência e uma grande potência no quesito exportação, pois se tratando da China suas redes de exportação estendem-se por todo o mundo. Além das relações comerciais entre vários países desenvolvidos, a China estrategicamente mantém fortes alianças com país em desenvolvimento, no caso os BRICS, que em ação conjunta conseguem ocupar um lugar significativo no campo econômico mundial.

Logo, em termos muito otimistas, como seu potencial em alta, a China tem grandes probabilidades de ultrapassar os Estados Unidos economicamente, colaborando assim para uma nova (*des*)ordem mundial.

### Referências

- ACIOLY, L; PINTO, E. C.; CINTRA, M. A. M. China e Brasil: oportunidades e desafios. In: \_\_\_\_\_. **A China na nova configuração global: Impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011. p. 307-350.
- HAESBAERT, Rogério.(Org). China na nova dinâmica global-fragmentadora do espaço geográfico. In: \_\_\_\_\_. **Globalização e Fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: Editora da UFF, 2013. p. 113 - 135.
- LIY, M. V. China se apóia na Rússia para aumentar seu peso internacional. **El País**, Pequim, 16 de Nov. 2014, internacional. Disponível em:< [http://: www.brasil.elpais.com](http://www.brasil.elpais.com)> acesso em Ago. de 2018.

- LYRIO, Maurício Carvalho. Fundamentos políticos internos para ascensão da China: autocracia e reformas. In: \_\_\_\_\_. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos**. Brasília: FUNAG, 2010. p. 77-133.
- MACIEL, C. F.; MOURA, J. M. B. “De Mao a pior”? A questão trabalhista na China contemporânea. **Novos Cadernos NAEA**, vol. 17, n. 2, p. 141-166, dez, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/1790/2360>>.
- NASCIMENTO, Getulio. **China: geografia, economia, população**. Disponível em: <<https://www.getulionascimento.com/news/china%3A-geografia%2C-economia%2C-popula%C3%A7%C3%A3o%2C-etc/>> Acesso em : 10 de Jun 2018.
- PAUTASSO, Diego. China e Índia no mundo em transição: O sistema sinocêntrico e os desafios indianos. In: \_\_\_\_\_. **A China na nova configuração global: Impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011. p. 165-193.
- PINTO, P. A. P. China e Índia – emergência e impacto cultural. **Revista brasileira de política internacional**, vol. 50, n1, p. 86-101, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v50n1/a05v50n1.pdf>>.

Submetido em: agosto de 2018.

Aceito em: setembro de 2018.